

Capitulina e Madalena

Patrícia de Souza Rodrigues

RESUMO

O presente artigo apresenta um cotejo entre duas importantes personagens da Literatura Brasileira. Figuras femininas que ganham vida na voz de seus pares, Capitulina da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis e Madalena da obra *São Bernardo* de Graciliano Ramos. Apresentadas ao leitor do ponto de vista de personagens-narradores, Capitulina e Madalena carregam características individuais que, ao longo da narração, vão sendo propositalmente construídas pelos narradores com a finalidade de conduzi-las à ambiguidade. A visão estabelecida das personagens femininas surge através de fatos exteriores e posteriores rememorados, o que induz à distorção dos acontecimentos. Essa posição configura a proposta deste artigo.

Palavras-chave: cotejo, figuras, femininas, vozes, ambiguidade.

ABSTRACT

This article presents a comparison between two important personalities of Brazilian Literature. Female figures that bring to life the voice of their peers, Capitulina from *Dom Casmurro* by Machado de Assis and Madalena from *São Bernardo* by Graciliano Ramos. Presented to the reader by the point of view of characters narrators, Madalena and Capitulina have individual characteristics that, over the narration, are being purposely built by narrators with the purpose of conducting them to ambiguity. The vision set of female characters comes from outside and later rememorados facts, which leads to a distortion of events. This position, set the personal of this article.

Keywords: comparison, figures, female, voices, ambiguity.

Das figuras femininas que povoam os romances brasileiros, inegavelmente, a mais enigmática e instigante é Capitulina da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Apresentada ao leitor pela voz de Bento Santiago, narrador-personagem, Capitulina vai de uma menina travessa e encantadora a uma mulher dissimulada e traidora.

O fundamental aqui é observar que Capitu não tem voz, a conhecemos do ponto de vista de Bentinho. Ingrid Stein diz que “é impossível, assim, analisar a personagem Capitu fora do contexto do adultério, uma vez que, descrita por Bentinho é através deste prisma que ela nos chega.” (p.105). O encadeamento das memórias do narrador e a presença de elementos recorrentes, como por exemplo, características psicológicas de Capitu que Bentinho, propositalmente, mostra com veemência, intensificam a ideia do adultério. “Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois...” (p.45)

Por ser narrado num tempo posterior aos fatos ocorridos, pode haver uma distorção dos acontecimentos. Bentinho já velho, possui uma visão estabelecida a cerca do suposto adultério da esposa e narra os fatos com convicção levando o leitor a acreditar no que diz em relação a Capitu. Embora haja intenção do narrador, durante todo o texto, em mostrar ao leitor quem é verdadeiramente Capitu, suas bases para a afirmação do adultério são apenas duas, a mais forte e, possivelmente, a mais convincente é a semelhança que ele vê entre Ezequiel e Escobar, mas isso pode ser apenas uma fantasia sua, já que ele conta ao leitor que o filho tem o hábito de imitar as pessoas, principalmente o suposto amante da esposa, Escobar, que tem muito contato com a família.

Bento Santiago não é a personagem a ser analisada, mas vale algumas declarações a seu respeito para tentar amenizar a culpa que Capitu carrega. Se ela é dissimulada, ele é infinitamente mais, pois escondeu-se atrás dela durante toda a trajetória de suas vidas em comum. A dissimulação de Bentinho está na forma como ele sempre aceitou as ideias de Capitu, mesmo dizendo ou mostrando-se surpreso com a capacidade dela em ocultar fatos ele os aceita, pois tudo foi sempre em prol de sua pessoa, para protegê-lo, para, principalmente, ajudá-lo a não contrariar sua mãe, Dona Glória. Ele dissimula até mesmo o sentimento pelo filho.

O agregado da família de Bentinho, José Dias, diz que ela tem “olhos de cigana oblíqua”, mas quem mostra-se oblíquo é Bentinho, pois viveu enquanto adolescente sob os comandos de sua mãe e de Capitu e, mesmo depois de velho, quando já não é mais Bentinho e sim “Dom Casmurro”, vive numa eterna evasiva, pois não consegue desmembrar-se da vida passada e mostra-se inserido num grande conflito psicológico. “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência”.(p.16). Para Ingrid Stein:

Machado escreveu um livro em que, rigorosamente, a questão do adultério permanece em aberto; este não é o problema do livro, não é este o assunto, mas antes o conflito psicológico em que se encontra Bentinho – através de cujas ações o escritor descreve a dificuldade e a impossibilidade de apreender o ser humano...(p.109)

Embora Capitu apresente-se como uma menina e, posteriormente, uma mulher segura de si e convicta em suas ideias e atitudes, ao final de sua trajetória ela mostra-se como uma mulher submissa ao marido, pois entrega-se às suas fantasias quase sem defender-se e aceita o exílio que lhe foi imposto. Ela mostra-se surpresa com as desconfianças do marido, parece não assimilar os acontecimentos e entrega-se a ele sem nenhuma reação. ”- Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto você, que era tão cioso dos menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tão ideia?” (p.217)

O fato é o que ouvimos a respeito dela vem da voz de Bentinho. Ele como responsável pela apresentação dos fatos faz de suas memórias um pano de fundo para provar ao leitor que a Capitu mulher é reflexo da Capitu menina. “E BEM, E O RESTO? O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata-Cavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum incidente.” (p.228).

Outra figura feminina que nos é apresentada através da voz de um narrador-personagem é Madalena da obra *São Bernardo* de Graciliano Ramos. Assim como Capitu, ela não tem voz própria e tudo que sabemos a seu respeito vem das lembranças de Paulo Honório que, assim como em *Dom Casmurro*, tem sua vida relatada em um livro escrito bem posteriormente aos acontecimentos narrados.

Madalena, esposa de Paulo Honório, apresenta características que se opõem às do marido. Ela é instruída, inteligente, culta e humana. Ele, por sua vez, é rude, ganancioso, violento e sem caráter. Ela surge na vida dele como a oportunidade de um bom negócio, pois, como professora, poderia lhe render algum lucro trabalhando na escola que pretendia construir na fazenda São Bernardo, adquirida de Padilha.

O meu fito na vida foi apossar-se das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. (p.09).

O choque gerado entre Paulo Honório e Madalena é muito grande. Ela mostra-se indiferente ao poder, opina sobre os negócios da fazenda, mostra-se interessada pelo bem-estar dos funcionários, opina sobre política, apresenta seu desejo de colocar a escola em funcionamento. Por esses motivos, não conseguiu êxito na relação com o marido. Ele, por sua vez, não consegue compreendê-la. Isso o leva a um patológico ciúme, que, de tão violento, a leva ao suicídio.

Capitulina e Madalena, ao mesmo tempo em que se aproximam, se distanciam. Capitu é-nos imposta, Madalena reproduzida. As duas são o mote pelo qual Bentinho e Paulo Honório escrevem, rememoram, e o fato de chegarem ao leitor pela voz de seus pares favorece a hipótese de que podem ser diferentes do que parecem, pois a visão unilateral das narrativas carrega apenas informações parciais e, nesse ponto, as personagens estão muito próximas. A memória serve como vínculo entre a narrativa presente e o passado e a ocultação de elementos pode ser tanto proposital, quanto não.

Mas essa perspectiva unilateral também pode distanciar as personagens femininas, pois Capitu aparece como um vislumbre, a da Praia da Glória na de Mata-cavalos ou o contrário, e desse modo ela continuará sempre um enigma, um mistério. Com Madalena, o mesmo não ocorre, já que o que se tem dela são fatos apresentados sem a intenção de denegri-la, embora surja uma certa ambiguidade no momento em que aceita a proposta de casamento.

Diferente de Bento Santiago, Paulo Honório escreve para recuperar sua história e desse modo entender porque não conseguiu adequar-se à vida de casado e nem entender as atitudes da esposa. A preocupação com o próximo o levou a ter um ciúme

doentio de Madalena. “Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme.” (p.167). A simplicidade de Madalena, a humanidade expressa nela e a amizade desinteressada para com os outros é motivo de estranheza para Paulo Honório, daí o ciúme, a prova disso é que nem padre Silvestre foi poupado.

Apesar de todo esforço de Bentinho para denegrir a imagem de Capitu, e de todo seu intento para provar que ela é uma mulher traidora e, fundamentalmente, capaz de dissimular com perfeição, ela, surpreendentemente, depois de casada, apresenta-se submissa, pois sempre teve sua vida dedicada a ele. Talvez esse seja um mistério igual ou maior que o da traição. Já Madalena não apresenta-se totalmente submissa, apesar de migrar da cidade para o campo por causa do marido e de não exercer mais sua profissão de professora, ela a todo momento se confronta com ele. Para José Hildebrando Dacanal, “O choque entre ambos – e o desastre final – seria, portanto, o choque entre duas visões de mundo, entre duas concepções de sociedade.” (p.20).

Os dados apresentados mais distanciam do que aproximam Capitu e Madalena. Mas há dois pontos fundamentais que as aproximam, os filhos e o final trágico. Tanto Bentinho, quanto Paulo Honório, veem em seus filhos a marca do adultério. A morte das personagens femininas é necessária para a busca de algo de ficou para traz na vida das personagens masculinas. Bentinho precisa entender-se como indivíduo, para que isso ocorra tem que relembrar o relacionamento entre ele e Capitu, atando as duas pontas da vida. E isso só é possível por causa da ausência da esposa. Paulo Honório escreve para entender Madalena e, para isso, a ausência dela também faz-se necessária.

Dom Casmurro e *São Bernardo* são obras canônicas que se destacam pela função memorialística que apresentam e pela análise psicológica das personagens, marcos de referência comum. Embora escritas em épocas distintas, há um perfeito diálogo entre as duas obras. *Dom Casmurro* precede os romances da década de 30, mas apresenta um traço utilizado nos romances do século xx, o diálogo entre o passado e o presente, no qual insere-se o leitor, representante da atualidade. Para Harold Bloom:

O cânone, assim que o tomemos como relação de um leitor e escritor individuais com o que se preservou do que se escreveu, e nos esqueçamos dele como uma lista de livros de estudo obrigatório, será visto como idêntico à literária Arte da Memória, não ao sentido religioso do termo. A memória é sempre uma arte, mesmo quando atua involuntariamente. (p.25).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Porto Alegre. L&PM, 2008.

BLOOM, Harold. *O cânone Ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Objetiva.

DACANAL, José Hildebrando. *O Romance de 30*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MORAES, Santos. *Heroínas do Romance Brasileiro*. Rio de janeiro: Expressão é cultura, 1971.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 68ª ed. Rio de janeiro: Record, 1999.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de janeiro: 1984.